

Editorial

Stylus 50 e o XXIV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), realizado em Brasília em outubro de 2024, têm em comum o tema “A criança generalizada na clínica e na cidade dos discursos”. Do evento, temos notícias da profusão e da qualidade dos trabalhos apresentados, e, desta edição, as consequências de uma aposta transmutada em escritos, com rigor teórico, articulações clínicas e o endereçamento à formação e à Escola.

A seção *Trabalho Crítico com os Conceitos* inicia este número, espaço no qual fomos organizando os textos, aproximando-os com base em suas referências. É preciso destacar o texto lacaniano de 1967, “Alocução sobre as psicoses da criança”, que está presente em vários trabalhos. Lacan apresenta aí uma argumentação (embora diga que não se trata de um texto, mas de uma “alocução improvisada”), em uma imbricada teia conceitual sobre segregação, gozo e sintoma. Mas é a expressão “criança generalizada” que ganha realce, pois interroga os psicanalistas sobre as consequências vindas do discurso da ciência e sobre sua apropriação pelo discurso capitalista. Está demarcada uma pergunta inquietante, mas quais respostas podem ser produzidas? E é com essa direção que lemos cada um dos autores e autoras, com seu estilo e prosa, formulando elaborações, marcadas pela repetição, pela insistência, pelo saber não-todo.

Lia Carneiro Silveira é quem abre a primeira seção e, ao tomar como referência as consequências do “avanço tecnocientífico e de sua assimilação pelo discurso capitalista”, formula questões sobre os impasses da psicanálise na atualidade e sobre qual seria uma saída ética para os que toparam um percurso de análise. Em seguida, temos Rosane Braga de Melo, que, também referenciando o texto de 1967, indaga: “De que modos a criança generalizada favoreceu que a infância se tornasse um campo em disputa na lógica do mercado?”. Lemos aí o quanto a criança é colocada na “posição de objeto de gozo”, portanto de tutela, de inúmeras intervenções, de diagnósticos em demasia, de patologização e medicalização. Já o texto de Marcella Laboissière se propõe definir o conceito de substância gozante, oriundo do seminário *Mais, ainda*, apontando suas consequências, e refletir “sobre o que é segregado e excluído do discurso, tal como a criança generalizada”. É com Andréa Hortélio Fernandes que recebemos um convite para examinar a “dimensão do gozo e do sintoma por meio dos discursos”, considerando a direção ética em uma análise, articulada ao gozo e ao bem-dizer do sintoma. Com Raul Albino Pacheco Filho, acessamos o significante “TODOS”, grafado em maiúsculas, que escreve sobre padronização e forclusão dos sujeitos, em que se alocam termos como “adultescente” e “peste grisalha”. Ainda nessa seção, Zilda Machado discorre, em um primeiro momento, sobre a posição do sujeito alienado ao Outro, para depois argumentar como alguém pode tornar-se responsável

por seu gozo. O arremate desse texto é clínico e, nesse ponto, lemos os efeitos da escuta de uma analista a um rapaz no auge de seus 7 anos. Depois, temos Sonia Alberti, que propõe tratar o que é relativo ao corpo na criança autista, articulando conceitos vindos da literatura e da clínica, para “buscar meios teórico-clínicos para enfrentar os discursos que nos querem convencer da criança generalizada”. Com Pedro Moacyr, lemos uma articulação entre o estudo da “criança generalizada” e a escuta de sujeitos “envolvidos em experiências de abuso sexual”. Já o texto de Yasmim Marques de Souza, Anamaria Silva Neves e João Luiz Leitão Paravidini, que contém uma pergunta, “Criançável, eu?”, busca uma articulação entre Agamben, Benjamin e Lacan, tarefa exigente e complexa. Encerrando essa seção, temos o trabalho de Lucas Passos de Moura, Daniela Scheinkman e Priscilla Melo Ribeiro de Lima, que se dedicaram a uma leitura crítica de um assunto, originalmente trabalhado por Izildinha Nogueira, que diz respeito à “assunção jubilatória do bebê negro”.

Dos quatro textos que compõem a *Direção do Tratamento*, constatamos a prevalência da experiência clínica. É nesse momento que nos encontramos com uma criança diante de uma máquina de escrever, no texto de Rocio Fabiane T. Arrua; com um menino miúdo que não fala, no texto de Maria Helena Coelho Martinho; com um adolescente, sua dislexia e sua bicicleta, no texto de Aldenôra Vieira; e, por fim, com duas crianças, uma que passa a se chamar Gisele, a poderosa, e outra que ganha novos atributos e um novo nome, no texto de Patrícia Ribeiro. Uma seção, um encontro com a clínica, que nos permite um tipo de aproximação com o intransmissível, de forma consistente e poética.

Os três últimos textos se dividem em duas seções, *Espaço Escola* e *Resenha*. No *Espaço Escola*, temos Elynes Barros, que, no exercício da função como Analista de Escola, escreve sobre a orientação à Escola, o mal-entendido e a “solidão estrutural do analista”, que se conectam como um amálgama na formação do analista. E Vera Edington, que escreve sobre sua experiência no cartel, que aponta para um “(...) *A-riscar* alguns passos nesse *trabailar*”. Encerrando esta edição, temos a resenha de Francina Evaristo de Sousa sobre *Agora sou Medeia: não existe vingança sem ódio*, de Andrea Brunetto, que convida e instiga os leitores a se envolverem com o texto, tal qual em um “romance”. A recomendação indica um livro no qual mito e literatura são usados para dar passagem à transmissão em psicanálise, experiência única para os que toparem a leitura e o percurso de uma análise.

Por fim, uma palavra de agradecimento à equipe de *Stylus*, aos pareceristas e à Comissão de Gestão nacional pelo apoio, pelo trabalho, pelo empenho e pelos laços possíveis.

Fortaleza, julho de 2025

Ercilia Maria Soares Souza

Pela equipe de publicação de *Stylus* (2025-2026)